



ARTE E POLÍTICA: PROBLEMAS, ARMADILHAS E ESTRATÉGIAS

ART AND POLITICS: PROBLEMS, TRAPS AND STRATEGIES

Lucas Dilacerdaⁱ
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O texto aborda os impactos micropolíticos do neoliberalismo no mundo da arte, explorando como essas políticas influenciam tanto os artistas quanto os espectadores em níveis pessoais e existenciais. Analisa-se a transformação dos valores culturais e artísticos pelo neoliberalismo, que promove uma subjetividade empreendedora nos artistas, levando-os a adotar múltiplas funções para garantir visibilidade e viabilidade econômica. O texto também apresenta obras de artistas contemporâneos que criticam e problematizam as estruturas sociais e econômicas dominantes, utilizando a arte como meio de denúncia e reflexão. Por fim, destaca-se a importância da arte como um catalisador para questionar as normas estabelecidas e promover uma conscientização crítica sobre as dinâmicas de poder na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE

Arte. Política. Neoliberalismo. Estética. Micropolítica.

ABSTRACT

The text addresses the micropolitical impacts of neoliberalism on the art world, exploring how these policies influence both artists and spectators on personal and existential levels. The transformation of cultural and artistic values by neoliberalism is analyzed, which promotes an entrepreneurial subjectivity in artists, leading them to adopt multiple roles to guarantee visibility and economic viability. The text also presents works by contemporary artists who criticize and problematize dominant social and economic structures, using art as a means of denunciation and reflection. Finally, the importance of art as a catalyst to question established norms and promote critical awareness about power dynamics in today's society is highlighted.

KEYWORDS

Art. Policy. Neoliberalism. Aesthetics. Micropolitics.



Os impactos micropolíticos do neoliberalismo no mundo da arte

O enfoque na relação entre neoliberalismo e a esfera artística apresenta um campo fértil para análise. Em meio a um contexto global que ainda sofre os efeitos de políticas neoliberais, torna-se crucial compreender como tais políticas influenciam não apenas a criação e a fruição artísticas, mas também os modos mais íntimos de sentimento, percepção, memória, imaginação e criação. Este questionamento se propõe a desvendar as nuances de como o neoliberalismo remodela as experiências estéticas e existenciais tanto de artistas quanto de espectadores, indo além do impacto em estruturas e mecanismos estatais, para mergulhar nas alterações provocadas em níveis mais profundos e pessoais da experiência sensível.

Ao considerar o neoliberalismo sob uma ótica micropolítica, nos abrimos para explorar como essa política penetra e molda o tecido dos desejos, dos afetos e da própria imaginação – esferas vitais onde a arte exerce seu maior poder. Esta abordagem destaca a importância de não somente reconhecer, mas também entender a capilaridade do neoliberalismo nas práticas cotidianas e nos modos de ser, que direta ou indiretamente afetam o processo criativo e a apreciação artística. Examinar o neoliberalismo através desta lente micropolítica oferece uma nova dimensão de análise, promovendo uma discussão mais aprofundada sobre seu papel e sua penetração na vida cultural e pessoal.

Portanto, a curadoria e a crítica, ao questionarem os efeitos do neoliberalismo no mundo da arte, propõem-se não apenas a mapear essas influências, mas também a incentivar um diálogo coletivo sobre como enfrentá-las. Ao focar a complexidade das relações entre a arte, os indivíduos e o contexto sociopolítico atual, a crítica e a curadoria motivam uma reflexão contínua e compartilhada sobre as possíveis vias de resiliência e resistência criativa diante das realidades impostas pelo neoliberalismo.

A investigação dos efeitos do neoliberalismo na sociedade e, mais especificamente, no mundo da arte exige uma abordagem que considere tanto a dimensão macropolítica quanto a micropolítica. Inspirada pela obra *O dentro é o fora* (1963), de Lygia Clark, propomos uma reflexão sobre a inseparabilidade do "dentro" e do "fora", desafiando categorias binárias tradicionais, como esquerda e direita, para enfatizar a



interconexão e a interpenetração de diversos aspectos da vida humana. Este enfoque sugere que a lógica capitalista não apenas molda as estruturas econômicas e políticas da sociedade, mas também penetra profundamente nos modos de perceber, sentir, lembrar, imaginar e, por fim, criar.

Transvaloração neoliberal

O conceito de "transvaloração neoliberal", inspirado em Nietzsche, aponta para uma profunda transformação dos valores que orientam a nossa sociedade atual. Sob esta mudança, critérios inicialmente exclusivos do âmbito empresarial - como produtividade, eficiência e visibilidade - passam agora a reger não só o mercado de trabalho, mas também o campo da cultura e da arte. Artistas são pressionados a adotar um ritmo acelerado de produção, a buscar incessantemente visibilidade em plataformas tradicionais e digitais, e a definir sua "singularidade" em termos de mercado. Essa exigência de uma identidade artística única, prontamente comercializável, emerge não do processo criativo livre, mas sim das premissas do mercado.

A competitividade exacerbada, fomentada pelo neoliberalismo, não apenas gera pressão entre artistas, mas também tem implicações particularmente graves para grupos minoritários, como no caso de pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+. Nesse ambiente, a luta por reconhecimento e visibilidade pode intensificar divisões e hostilidades, reproduzindo políticas de inimizade (MBEMBE, 2020) dentro de comunidades que já enfrentam marginalização. Por exemplo, entre artistas trans, a competitividade pode levar a uma atmosfera de rivalidade, na qual o sucesso de um indivíduo é visto como vindo às custas de outro, exacerbando sentimentos de exclusão e isolamento.

A permeação da lógica neoliberal na arte gera uma atmosfera de competitividade. Para os artistas, essa competitividade pode significar uma pressão constante por destaque e reconhecimento, num cenário em que a visibilidade muitas vezes é confundida com um valor. Esse ambiente se torna ainda mais problemático quando consideramos grupos minoritários. Para indivíduos pertencentes a essas



comunidades, a competição exacerbada pode não apenas amplificar desafios preexistentes, mas também incitar divisões internas, desviando o foco da solidariedade para a rivalidade. Em contextos marginalizados, onde a visibilidade já é limitada, o impulso competitivo induzido pelo neoliberalismo pode agravar sentimentos de exclusão e fragilizar ainda mais as redes de apoio.

Neste panorama, o desafio colocado para artistas e espectadores é duplo: como resistir à imposição de uma lógica de mercado que condiciona não só a produção, mas também a percepção e apreciação da arte? Como promover práticas que valorizem a expressão genuína, a investigação criativa e a solidariedade, em detrimento de modelos baseados em eficiência, produtividade e competitividade? Enfrentar essas questões exige um esforço coletivo para reimaginar a interação entre arte, sociedade e economia, buscando novos caminhos em face das pressões do capitalismo contemporâneo.

Arte empresária de si

A era do trabalho tradicional está sendo substituída por um sistema em que o artista deve se transformar em um empreendedor de si mesmo (FOUCAULT, 2008), uma entidade capaz de se adaptar às exigências de um mercado volátil. Esta realidade impõe a necessidade de se tornar um "microempreendedor individual" (MEI), forçando o artista a adotar múltiplos papéis — de blogueiro a influenciador digital no TikTok, de artista acadêmico à busca por financiamento por meio de bolsas de estudo — numa incessante luta pela visibilidade e viabilidade econômica.

O empreendedor neoliberal apresenta vários traços facilmente identificáveis com a figura do artista hoje, um sujeito sem classe definida, capaz de se virar criativamente num mundo em decomposição. O precariado-chique esbanja charme. Mas se essa é a imagem comumente projetada do artista contemporâneo, dificilmente ela pode ser tomada como tradução da realidade da grande maioria dos artistas em atividade. Um sintoma disso é a adesão de cada vez mais artistas ao mundo acadêmico, em busca de bolsas de estudo e às vezes de uma carreira na universidade (ERBER, 2021, p. 175).



Estes múltiplos papéis revelam um sistema que valoriza a arte não por sua capacidade expressão, pela sua potência em questionar o status *quo* ou provocar reflexão, mas sim como uma mercadoria, um bem de consumo rápido e facilmente descartável — daí a analogia com um "espectador fast-food". Há uma crise de experiência, onde os museus tornam-se shoppings culturais, locais de turismo rápido ou "turistização", ou pior, no fenômeno de uberização dos museus, caracterizados pelo consumo superficial da arte.

Diante desse cenário, surgem importantes questionamentos: como podem os artistas resistir a essa transformação e manter a integridade de sua expressão criativa? Qual é o papel do público, dos críticos e dos curadores na valorização de práticas artísticas que desafiem essa lógica de consumo rápido e competitividade desenfreada? Como reimaginar o sistema de produção e apreciação artística de modo que a arte possa novamente servir como um meio de questionamento crítico?

A reflexão proposta pela crítica e curadoria Pollyana Quintella, no texto *A blogueirização do trabalhador cultural* (2021), revela uma crítica perspicaz ao impacto do neoliberalismo no campo artístico e cultural.

O trabalhador cultural, ao depender da plataforma para engajar seu público, manter relações e vislumbrar novos trabalhos, acaba entrando na lógica do 'self-branding', moldando-se a si próprio enquanto produto vendável no mercado. Se o trabalho flexível no campo cultural já exigia que o artista fosse uma espécie de 'empresa de si mesmo', as redes sociais intensificaram o processo de 'blogueirização', exigindo cada vez mais autopromoção e superexposição (QUINTELLA, 2022).

Essa transformação exige dos indivíduos a construção de uma imagem polida e vendável nas mídias sociais, com o intuito de aumentar suas chances de contratação em um ambiente cada vez mais precarizado. A imperatividade de se tornar um "blogueiro de si mesmo" encapsula a pressão para que artistas e trabalhadores culturais se auto-promovam incessantemente, transformando até mesmo momentos



de lazer, como o uso recreativo do Instagram, em oportunidades de trabalho não remunerado, perpetuando a lógica do capitalismo de consumo.

Esta blogueirização não apenas reflete a necessidade de visibilidade em um mercado saturado, mas também a transformação das práticas culturais e artísticas em atividades mercantilizadas, onde o valor é frequentemente medido pelo alcance nas redes sociais e pela capacidade de atrair atenção e engajamento. Esse fenômeno reestrutura as dinâmicas de produção e apreciação cultural, deslocando o foco da qualidade e complexidades artísticas para a capacidade de gerar conteúdo rapidamente consumível e compartilhável.

No entanto, ao abordar o conceito de "artista-etc", como proposto por Ricardo Basbaum, é crucial reconhecer tanto as potencialidades quanto os limites desse conceito em meio ao contexto atual.

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista'; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos 'artista-etc'. (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc) (BASBAUM, 2013, p. 167).

A ideia de romper barreiras disciplinares e expandir os campos de atuação artística oferece uma liberdade criativa e uma resistência contra categorizações rígidas. Todavia, é importante não romantizar essa noção sem perceber como, sob o véu da flexibilidade e multidisciplinaridade, pode esconder-se uma forma de precarização. Nos dias de hoje, a expectativa de que o artista seja "multifacetado" ou "etc" - capaz de desempenhar múltiplos papéis, como fotógrafo, social media, assessor de imprensa, entre outros - pode ser vista não apenas como um reflexo de versatilidade, mas também de uma exigência exaustiva de autoexploração e adaptação constante a um mercado que demanda não só a produção artística, mas também a habilidade de se autopromover e gerenciar múltiplas tarefas simultaneamente.



Em um cenário marcado pela precarização, o conceito de "artista-etc" revela uma complexidade ambígua: por um lado, a promessa de expansão criativa; por outro, um caminho rumo à precarização e ao desgaste. Diante disso, torna-se essencial uma revisão crítica desse conceito, questionando não apenas as condições sob as quais a arte e a cultural são produzidas e consumidas atualmente, mas também buscando formas de resistência que permitam a recuperação do espaço artístico como *locus* de expressão autêntica e sensível, além do mero valor de mercado.

Mutações do desejo

A discussão sobre os limites entre a moral, a ética e o desejo humano não é apenas relevante, mas necessária nessa discussão. Frequentemente, navegamos entre moralizar e romantizar nossas ações e escolhas, perdendo de vista que a verdadeira questão reside na ética de nosso modo de vida. Importa, então, refletir se nossas práticas nos fortalecem, enriquecendo nossa existência, ou pelo contrário, sugando nossas energias, aquilo que Suely Rolnik chamou de cafetinagem.

Do mesmo modo que a crítica descolonial macropolítica fala do extrativismo de recursos naturais, Rolnik alerta-nos para o extrativismo colonial e neoliberal dos recursos do inconsciente e da subjetividade – a pulsão vital, a linguagem, o desejo, a imaginação, o afeto... Inspirada pelas políticas do trabalho sexual, Suely denomina “cafetinagem” esse dispositivo de extração da pulsão vital que opera no capitalismo colonial capturando o que ela, seguindo Freud, chama de “pulsão de vida” e o que eu denominei, em outros textos, seguindo Espinosa, “*potentia gaudendi*” (PRECIADO, 2018, pp. 19-20).

Este dilema ético é intimamente ligado ao fenômeno do desejo. Por que almejamos ser produtivos? Por que o prazer e a satisfação muitas vezes estão atrelados à nossa capacidade de produzir, ao ponto de nos sentirmos incompetentes quando não conseguimos atender a essas expectativas? Essas questões são cruciais para entender como os desejos se formam e são guiados, ou até mesmo sequestrados, por valores não necessariamente escolhidos por nós, mas impostos por uma sociedade que prioriza a produtividade acima de tudo.



O desejo, então, não é algo livre ou inato, mas frequentemente moldado e capturado por forças externas, construindo uma realidade em que valores neoliberais dominam e ditam nossas aspirações. Ao internalizarmos esses valores, nosso corpo responde com uma gama de sintomas - ansiedade, insegurança, fadiga, esquecimento, saudosismo - que são gritos de um descompasso entre o desejo e a realidade vivenciada.

Portanto, é imperativo que questionemos como e por que nosso desejo foi capturado. Ao desvendar os mecanismos pelos quais nossos anseios são formados e direcionados, podemos começar a resistir a essa captura, buscando uma vida que realmente nos preencha e energize. Isso passa por um entendimento profundo do que realmente valorizamos e desejamos, desvinculando-nos das expectativas produtivistas impostas e encontrando caminhos que nos permitam viver de maneira mais autêntica e plena.

Bloqueio criativo como resistência do corpo improdutivo

Nesse contexto, o bloqueio criativo surge como um fenômeno complexo e multifacetado, frequentemente mal compreendido. Esse impasse, ao invés de ser interpretado como um sinal de inadequação ou falha, pode ser visto como uma manifestação corpórea de resistência. O corpo, através do bloqueio, pode estar sinalizando a necessidade de pausa, reflexão, ou até mesmo de redirecionamento. Ele aciona, de forma quase intuitiva, uma alavanca de resistência, pedindo que prestemos atenção não apenas ao que estamos tentando criar, mas também ao como e ao porquê.

A tendência de buscar soluções imediatas para superar o bloqueio criativo, muitas vezes por meio de medicamentos ou outras intervenções externas, evidencia uma relutância cultural em enfrentar e explorar os desafios inerentes ao processo criativo. Esse enfoque na produtividade e na eficácia, características tão valorizadas na sociedade contemporânea, pode acabar por sufocar a espontaneidade e a profundidade que verdadeiramente alimentam a criatividade.



Portanto, ao invés de lutar contra o bloqueio criativo, poderíamos aprender a acolhê-lo como parte integrante do processo artístico. Escutar o que ele tem a nos dizer, entender suas raízes e o que ele revela sobre nossos métodos de trabalho, aspirações e limites, pode enriquecer nossa prática.

Atualizações da colonialidade

No livro *Crítica da razão negra* (2013), Achille Mbembe, propõe uma reflexão sobre as continuidades e transformações do colonialismo na era contemporânea, articuladas através do neoliberalismo - uma forma de neo-colonialismo para o século XXI. O argumento central de Mbembe nos incita a observar como o colonialismo não apenas persistiu ao longo do tempo, mas também como se metamorfoseou, se tornando mais imperceptível à medida que se infiltra, velado, nas estruturas de poder globais.

Mbembe sugere que o neoliberalismo opera no invisível, o que amplifica sua capacidade de controle e dominação. Essa forma de poder não é assertiva ou óbvia; ao contrário, ela é silenciosa, operando em um nível molecular ou capilar, afetando a vida de maneira fundamental, mas muitas vezes imperceptível para o olhar desatento. Nesse contexto, os seres humanos passam por um processo de desumanização, transformando-se em objetos, dados, mercadorias em fluxo - uma naturalização que ecoa os tempos coloniais, mas adaptada às nuances da era atual.

O embate entre individualidade e natureza, sujeito e objeto, recebe uma nova dimensão no neoliberalismo contemporâneo. A noção de autodeterminação, tão cara às modernidades ocidentais, é cooptada e reestruturada, levando a uma mercantilização do ser humano. O indivíduo, nesse cenário, não é mais visto como tal, mas como parte de um conjunto de dados, máquinas e códigos - uma abordagem que efetivamente esvazia o conceito de humanidade ao rebaixá-lo a um status de objeto ou recurso.

Atravessar esse novo colonialismo do século XXI requer um discernimento crítico sobre como nossas vidas são moldadas, controladas e manipuladas por forças que buscam dissolver nossa individualidade em favor de um sistema global de exploração



e dominação. O trabalho de desvendar essas forças, como propõe Mbembe, é crucial não apenas para entendermos as dinâmicas de poder atuais, mas também para resistir ao avanço dessa forma silenciosa, porém devastadora, de colonialismo.

Confrontar o neoliberalismo, reconhecendo sua natureza neocolonial e suas implicações na desumanização dos serviços humanos e na redução da humanidade a dados e mercadorias, é um passo essencial para reivindicar a autonomia do indivíduo frente às grandes estruturas de poder que definem nossa era. Enfrentar esse desafio é tanto um trabalho intelectual quanto um ato de resistência política e social.

Crítica e clínica da arte

A crítica de arte ocupa um espaço vital na intersecção entre a criação artística e a realidade sociopolítica. Ela desempenha o papel crucial de decodificar as camadas de sentido embutidas nas obras, revelando as discussões complexas que artistas, como No Martins e João Batista Souza, articulam através de seus trabalhos. Estes artistas não apenas refletem a realidade mas a questionam, desconstroem e reimaginam, utilizando a arte como uma ferramenta de crítica social e cultural.



Imagem 1. No Martins, *Série Pra ver se dão valor*, 2019.



No Martins, ao incorporar os rostos de seus ancestrais em cédulas brasileiras, atua em um espaço rico de simbolismo e resistência. Ao escolher este objeto - a cédula, que é emblemática tanto do poder econômico quanto da opressão histórica vinculada à colonização e à escravidão - Martins instaura um diálogo sobre a mercantilização de seres humanos. Seu gesto de pintar ancestrais nas cédulas vai além de uma mera denúncia da transformação de pessoas em *commodities*; é também um ato de reverência e recuperação, uma maneira de devolver uma dignidade roubada e de reafirmar a humanidade de vidas transformadas em moeda.

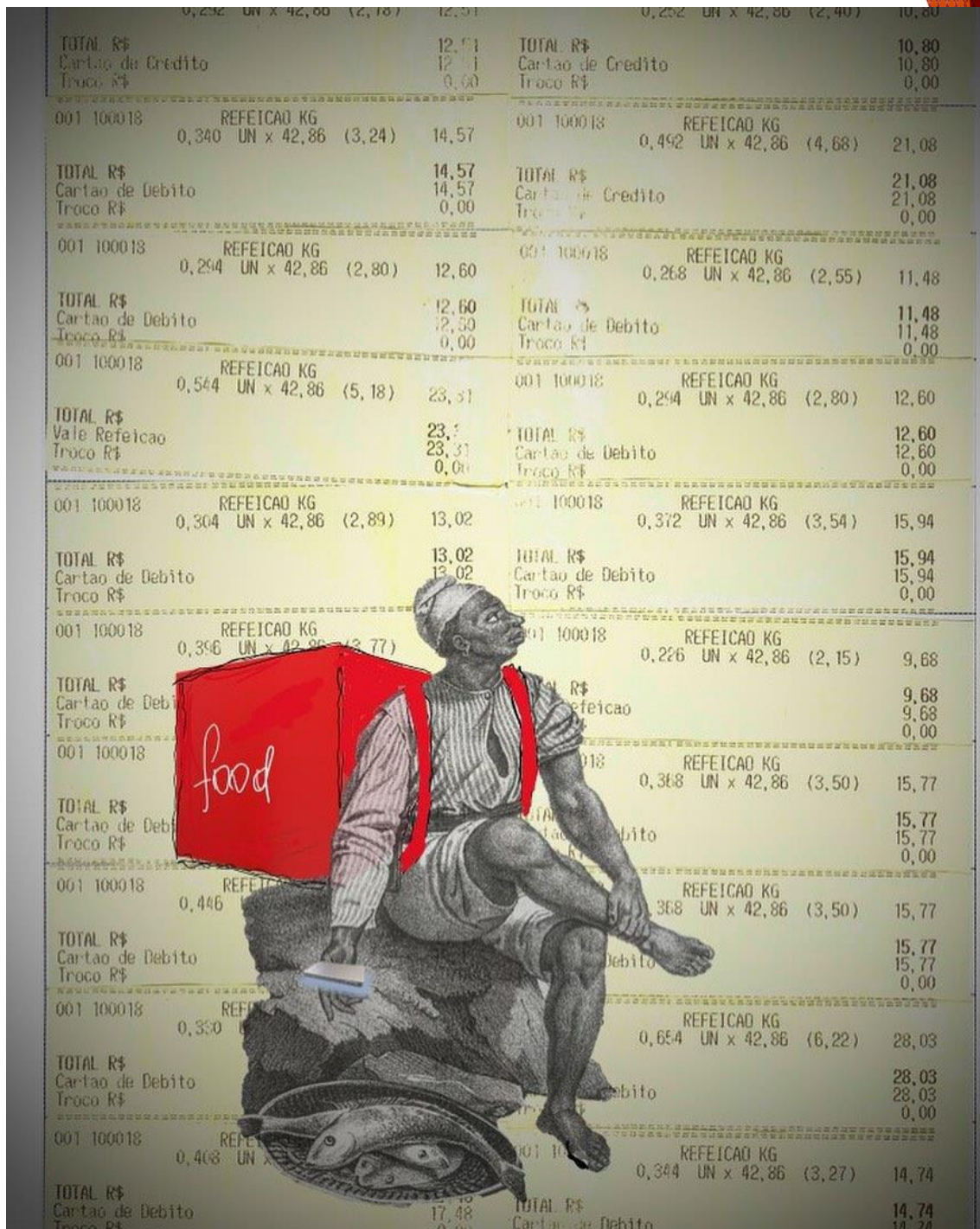


Imagem 2. João Batista Sousa, *Self service 1*, 2022.

De maneira similar, João Batista Sousa, através de seu trabalho *Self service* (2022), reflete sobre as dinâmicas contemporâneas de trabalho e da construção social da raça em meio à era digital e à pandemia. Apropria-se das pinturas de Jean-Baptiste Debret,



reconhecidas por documentarem a vida e os costumes no Brasil colonial, e as recontextualiza, colocando em foco os trabalhadores de aplicativos de entrega. Esta reimaginação das obras de Debret lança luz sobre as novas formas de precarização do trabalho e a persistência de estruturas opressivas em pleno século XXI, utilizando a arte para criticar e problematizar a realidade atual.

Ambas as obras dos artistas mencionados fazem um trabalho complexo de crítica através da arte. Elas não só evidenciam a crueldade e a exploração intrínsecas às estruturas econômicas e sociais vigentes mas também buscam, de alguma forma, reparar e homenagear aqueles que foram marginalizados e desumanizados por essas mesmas estruturas. A arte, nas mãos desses criadores, torna-se um espaço de resistência, reflexão e cura, pontuando a necessidade de reconhecer e enfrentar as injustiças do passado e do presente. Esses artistas demonstram de modo impressionante como a arte pode ser um veículo poderoso para o engajamento social e político, convidando o público a uma profunda reflexão sobre os legados da história e os desafios do nosso tempo.

A arte tem um poder extraordinário de transformar as nossas percepções, atuando como um catalisador para reexaminarmos e questionarmos o mundo ao nosso redor. Através das obras de artistas como No Martins e Joao Batista Sousa somos convidados a confrontar e reavaliar nossas compreensões habituais, desafiando-nos a ver além das aparências e das convenções estabelecidas.

Ao se deparar com os trabalhos de Joao Batista Sousa, que lançam um olhar sobre as dinâmicas sociais e raciais contemporâneas, o observador é impelido a reconsiderar a maneira como percebe os sujeitos representados, especialmente aqueles que estão nas franjas das estruturas socioeconômicas e que muitas vezes são invisibilizados pela sociedade. Essas obras têm o poder de "fazer um corte" em nossa percepção, como bem colocou, interrompendo o fluxo do nosso olhar acostumado para nos fazer ver e pensar de forma diferente.



Imagem 3. Matheus Rocha Pitta, *Ensaio para um curto circuito / Figura de conversão*, 2011.

Mateus Rocha Pitta, em seu *Ensaio para um curto circuito* ou *Figura de conversão* (2021), explora de maneira inovadora a relação entre neoliberalismo, arte e o artista como um produto.



Imagem 4. Matheus Rocha Pitta, *Ensaio para um curto circuito / Figura de conversão*, 2011.

Ao visualizar as três fotografias — do ato de abaixar para pegar sacolas, levantar-se com elas e, por fim, ser “engolido” por elas — e a instalação no chão, somos confrontados com uma poderosa metáfora sobre a *commodificação* do ser humano e do criativo em um sistema capitalista neoliberal. A sacola, um ícone do consumo, aqui se transforma num símbolo de absorção, onde o artista e sua obra são consumidos, assim como os produtos quotidianos. A obra estimula reflexões sobre como as forças do mercado cooptam e transformam o valor intrínseco da arte e da criatividade humana em algo a ser consumido, engolido pelo ciclo interminável da produção e do consumo.

Através destas expressões artísticas, somos forçados a um exercício de desconstrução das nossas percepções cotidianas, a arte se revela como um meio poderoso de crítica e questionamento. Ela incentiva não apenas a estranheza em relação ao familiar, mas também uma conscientização crítica sobre as várias formas



pelas quais as estruturas de poder atuam e influenciam nossas vidas, nossas comunidades e nossas expressões criativas. Em última análise, esses artistas estão engajados em um diálogo constante com seus públicos, um que busca desestabilizar, transformar e, de certa forma, curar, ao devolver a sensibilidade e a dignidade roubadas por sistemas de poder opressores.

Referências

BASBAUM, Ricardo. “Amo os artistas-etc.”. In: _____. **Manual do artista-etc..** 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013. pp. 168-171.

ERBER, Laura. **O artista improdutivo e outros ensaios.** 1. ed. Belo Horizonte, Veneza: Editora Âyiné, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade.** São Paulo: n-1 edições, 2020.

PRECIADO, Paul. “La izquierda bajo la piel. Um prólogo para Suely Rolnik”. In: **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUINTELLA, Pollyana. **A blogueirização do trabalhador cultural.** Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa – IREE, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://iree.org.br/a-blogueirizacao-do-trabalhador-cultural>. Último acesso: 29 jun. 2022.

ⁱ Lucas Dilacerda é Curador e Crítico de Arte. É sócio da ABCA - Associação Brasileira de Críticos de Arte. É coordenador da CAV - Curadoria em Artes Visuais; do LAC - Laboratório de Arte Contemporânea; e do LEFA - Laboratório de Estética e Filosofia da Arte. Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, com distinção *Summa Cum Laude*, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Arte e Filosofia Clínica, pelo Instituto Packter; Mestre em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC; Graduação em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Ceará; e Mestrado em Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC. E-mail: lucasdilacerda3@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0072-5880.